

Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas*

Carlota Miranda Urbano
Universidade de Coimbra

O período do Renascimento e das Reformas, Católica e Protestante, foi sem dúvida um tempo de revitalização original em vários domínios do saber, das artes e da religião. Se no campo das artes literárias e plásticas, a antiguidade clássica foi o modelo a recriar, para o universo religioso esse modelo foram os primeiros séculos do cristianismo. No fundo, os homens das letras, das artes, do saber, procuravam beber de novo na fonte da antiguidade, e para eles, regressar à antiguidade clássica não implicava ignorar ou remeter para o esquecimento a antiguidade cristã, pelo contrário.

Acompanhava a emulação veneradora da antiguidade greco-romana a mesma atitude diante do cristianismo primitivo.¹ Esta era, de resto, uma herança do movimento espiritual de reforma cristã conhecido por *deuotio moderna* que influenciou de modo duradouro toda a Europa.² Este inte-

* Esta comunicação, longe de tratar com profundidade o tema que lhe dá o título, pretende apenas apresentar algumas considerações eventualmente úteis na abordagem da nossa literatura dos séc. XVI e XVII. Foi precisamente no contacto com obras da literatura novilatina deste período, simultaneamente de carácter hagiográfico e emuladoras da literatura clássica greco-latina, que estas considerações surgiram, constituindo para mim uma chave de leitura.

1. O que já levou Jean Dagens a afirmar que «Entre l'antiquité profane et l'antiquité chrétienne, les humanistes du début du XVI^e siècle ne voyaient pas de contradiction». Cfr. Jean DAGENS, «Christianisme et humanisme au debut du XVI^e siècle», *Civiltà dell'Umanesimo. Atti del VI, VII, VIII Convegno Internazionale di Studi Umanistici, Montepulciano, 1969, 1970, 1971*, Firenze, 1972, 67-79, esp. 68. O autor sustenta que nos humanistas do início do séc. XVI (como Marsilio Ficino, Pico della Mirandola, Baptista Spagnoli, ou Mantuano, Lefèvre d'Étaple, Erasmo), sobretudo nos anos anteriores à reforma luterana, reina uma certa unanimidade, uma visão comum que harmoniza em si mesma toda a história da humanidade, não denunciando qualquer contradição entre antiguidade greco-romana e antiguidade cristã. E assim encontramos um 'Santo Sócrates' em Erasmo, um 'Platão que não é senão um Moisés que fala ateniense', em Pico della Mirandola, ou um 'Santo Orfeu', patrono da poesia. Recentemente F. Cuhe alarga esta noção comum da antiguidade. Sobretudo em contexto religioso, quando um autor se refere à 'Antiguidade' sabemos que se refere à Antiguidade Cristã. Cfr. François-Xavier CUCHE, «De la canonisation du Néo-Stoïcien à la démolition chrétienne du héros au XVII^e siècle en France», *Du héros païen au saint chrétien, Actes du colloque organisé par le Centre d'Analyse des Rhétoriques Religieuses de l'Antiquité, Strasbourg, 1-2 décembre 1995*, ed. Gérard FREYBURGER et Laurent PERNOT, Institut d'Études Augustiniennes, Paris, 1997, 203-214, esp. 203.

2. As primeiras manifestações visíveis deste movimento foram as 'irmãs da vida comum', depois os 'irmãos da vida comum', comunidades seculares, e finalmente os cónegos de Windesheim, comunidade religiosa sob a regra de St. Agos-

resse pela idade paleo-cristã que nela vê muito mais que um simples modelo inspirador, vem na continuidade daqueles ideais, enraizados na Idade Média tardia. Tais ideais tiveram certamente alguma responsabilidade nesta orientação espiritual para a Igreja dos primeiros apóstolos e dos mártires como para um tempo mítico, fundador e sagrado³.

O regresso à Bíblia, a leitura directa dos textos na procura da sua pureza original, caracterizou sem dúvida a reforma protestante convicta da sua missão refundadora, mas as preocupações filológicas com os textos da Bíblia não são exclusivas da reforma da Europa Central. O humanismo ibérico tem um notável exemplo de uma visão humanística da Teologia e de exigência filológica e científica na edição da *Bíblia Poliglota Complutense* (1514-1517) editada pela Universidade de Alcalá de Henares, «um dos mais notáveis centros europeus de irradiação do Renascimento»⁴.

A par deste interesse humanista pelas fontes cristãs que se estendem da Bíblia à patrística e à poesia, encontramos também neste período um vivo interesse pela Igreja primitiva em geral, pelos seus modelos de santidade, veiculados na literatura hagiográfica, os seus bispos, os seus ascetas e em especial os seus mártires. Estes eram, sem dúvida alguma, as figuras mais expressivas da afirmação do cristianismo nascente, as suas referências heróicas na imitação radical do mártir por excelência, Jesus Cristo.

Para o prestígio dos mártires primitivos como autênticos heróis contribuiu certamente a formulação épica que deles fez no séc.IV Aurélio Prudêncio, no *Peristephanon*. Esta obra, um conjunto de hinos em honra dos mártires, cujo título desde logo denuncia a perspectiva heróica do autor na aproximação ao tema do martírio, fixaria poeticamente os *Acta Martyrum*. Fiel admirador da poesia clássica, Prudêncio resolveu no seu tempo a incompatibilidade entre o cristianismo e a cultura dominante, que era a greco-romana, emulando Píndaro, Horácio, Virgílio, Ovídio, Lucrecio, Juvenal, na composição poética de temas cristãos. Deste modo, foi sem dúvida um dos primeiros humanistas cristãos a conseguir pela sua obra uma solução harmoniosa entre paganismo e cristianismo na arte poética. Os humanistas, poetas e prosadores do Renascimento não ignoravam, antes admiravam e recomendavam a leitura da sua poesia. Disso são exemplo Erasmo, Tomás

tinho. Em comum tinham um mesmo objectivo: difundir uma vida de pobreza, de oração, de partilha de bens, centrada na eucaristia, objectivo inspirado no cristianismo primitivo em torno dos apóstolos. Na sua origem esteve Gerard Grootte, pregador itinerante que acabou por ser impedido de pregar em 1383 devido às suas doutrinas demasiado rigorosas e mesmo inaceitáveis pela Igreja a respeito da moral sexual e da vida matrimonial, bem como da amizade e da vida familiar. Mas à excepção destas considerações mais severas, o apreço dado à vida interior, numa reacção à especulação intelectual sobre a mística de corrente alemã e às disputas escolásticas infrutíferas para uma continuidade entre a fé e a vida, abriram caminho à divulgação de uma piedade popular que teve continuidade. Apesar da suspeita e animosidade que a iconoclastia dos movimentos reformistas lhes moveu, alguns traços da piedade tradicional vieram a popularizar-se nos séculos XV e XVI no orbe católico: o gosto pelas peregrinações, pelo culto dos santos e relíquias, pelos actos públicos de penitência, bem como a devoção a S. José, a N. Senhora e à paixão de Cristo, etc... Alguns nomes ficaram célebres pela sistematização dos princípios e práticas da *Devotio Moderna*, como João Mombaer (1460-1501), mas o esponente máximo deste movimento foi a obra *De Imitatione Christi*, cuja influência na vida espiritual da igreja só conheceria o declínio com o Concílio Vaticano II, e que ainda assim nos últimos anos tem retomado as atenções. A sua autoria foi atribuída no Renascimento a Gerson (1363-1429), mas hoje é atribuída pela maioria a Thomas Kempis (1379-1471). Encontramos ainda relações de afinidade com este movimento em autores como Ludolfo de Saxónia, autor da *Vita Christi*, e S. Vicente Ferrer entre outros.

3. Não podemos dissociar deste fascínio pela idade paleo-cristã o entusiasmo dos primeiros passos da arqueologia cristã com a descoberta das catacumbas em 1578. O prestígio do martírio era agora alimentado também pelas peregrinações aos novos lugares santos onde os frescos, as inscrições, as relíquias podiam ser contemplados e o peregrino podia contactar 'fisicamente' com o mártir.

4. Cfr. Margarida MIRANDA, «A Herança de Alcalá», in *Miguel Venegas e o nascimento da Tragédia Jesuítica. A Tragédia cui nomen inditum Achabus (1562). Edição crítica, tradução, comentário e notas*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, texto policopiado, Coimbra, 2002, 73-135, em particular 78.

Moro, Luis Vives.⁵ A imprensa de Alcalá é também exemplo da popularidade de Prudêncio no humanismo hispânico de quinhentos.⁶

Entre nós, André de Resende, por exemplo, não esconde a sua inspiração “*apud sacratissimum doctissimumque poetam Prudentium, qui nostri martyris agonem iambicis uersibus decantauit...*”⁷, como afirma na nota 119 do seu poema épico *Vincentius Leuita et martyr*, que editou em 1545 celebrando São Vicente, o mártir padroeiro de Lisboa.

Mas outros humanistas portugueses olharam a antiguidade cristã interpretando aquele ideal de humanismo orientado para o modelo da Igreja primitiva. D. Jerónimo Osório foi um deles. Profundo admirador das letras clássicas, não deixa de se revelar também profundo conhecedor das letras cristãs. Na sua obra é bem visível o valor paradigmático que atribui à Antiguidade cristã. O seu tratado *De Nobilitate Christiana*, sobretudo no Livro III, centrado na distinção entre a ‘coragem cristã e a humana’, é disso mesmo exemplo.

Neste livro, começa por recordar a admiração que sempre mereceram aqueles que enfrentaram a morte com coragem, os que sofreram suplícios com resistência, os que na adversidade mantiveram a constância. Sócrates merece entre estes um lugar privilegiado, mas para que a coragem cristã resulte superior da comparação. São os heróis primitivos da Igreja, os mártires, que o demonstram.

Vejamos um passo deste tratado que citamos na tradução de Guimarães Pinto⁸:

Assim, face ao que vai dito, que podemos dizer ou conceber de maior nobreza ou magnificência? A todos parece de grande glória manter a inteireza nos tormentos corporais; estes [os mártires], porém não só com inteireza mas também com suma deleitação suportavam todos os tratos. Com efeito, a certíssima esperança no triunfo, não somente aliviava a dor do corpo, como inundava o espírito de imensa felicidade. Certamente que ninguém regateia gabos diante de um raro exemplo de coragem; mas, *na raça dos cristãos, nem a razão da idade, nem a debilidade do sexo, nem a qualidade da origem ou do estado social serviram de impedimento para a honra e para a glória.*

Para quê memorar aqui o escol desta raça, quando até incontáveis meninos e donzelas não se esquivaram a nenhuma sorte de suplícios cruéis dando testemunho de Cristo? Quantos escravos não desdenharam toda a agrura de tormentos para que pudessem ver a verdadeira liberdade? Quantos soldados – raça de gente que muito repulsa qualquer tipo de santidade – preferiram arrostar a morte pela glória de Cristo, a todas as coroas e triunfos? Nem é mister numerar todos os Maurícios, Sebastões, Catarinas, Ágatas e Gordianos. É por demais sabido que houve uma multidão imensa e quase infinda que se alçou à dignidade daquela extraordinária virtude intemerata, cuja imagem varões dotados de excelente engenho só a duras penas e após longo tirocínio lograram alcançar. Isto pode servir-nos de bastante prova da grandíssima diferença de género que separa esta valentia e constância, daqueloutra que se encontra nos escritos e preceitos dos filósofos (...).

A virtude, a coragem, a constância que caracterizam os heróis do mundo clássico, sobretudo na sua versão de pendor moralizante ilustrada na figura do sábio, do filósofo, do político, encontram-se, segundo o humanista, em grau superior nos heróis do cristianismo primitivo, nos mártires. A diferente natureza da Glória alcançada por esta nobreza cristã é um dos argumentos para a

5. Erasmo em carta a Francisco de Vergara, Tomas Moro no comentário ao seu *Cathemerinon*, Luis Vives no *De tradendis disciplinis*. Cfr. Isidoro RODRIGUEZ, «Introducción General» (3^a-88^a) in *Obras Completas de Aurelio Prudencio* (edición bilingüe, versión española de Alfonso ORTEGA, Introducción general, comentarios, índices y bibliografía de Isidoro Rodríguez), Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1981, esp 62.

6. Cfr. Julián MARTIN ABAD, *La imprenta de Alcalá de Henares, 1502-1600*, 3 vol., Madrid, 1991.

7. «no mui douto poeta sagrado, Prudêncio, que cantou em verso iâmbico o combate do nosso mártir».

8. Cfr. Jerónimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã* (tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto), Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996, esp. 199-200.

sua superioridade. Nesta, como afirma o autor, a idade, o sexo, a origem social, não condicionam o heroísmo, como na nobreza humana.⁹

Outros humanistas portugueses poderíamos citar na exaltação dos mártires cristãos, tratando-os com os termos, categorias e predicados com que tratam os heróis da antiguidade pagã, para favorecer os primeiros como mais dignos do nome de ‘heróis’¹⁰. D. Frei Amador Arrais disserta sobre o poder dos mártires que lhes vem do triunfo, justificando a veneração das suas relíquias e dos seus sepulcros com argumentação de autoridades pagãs. Píndaro, Platão, Hesíodo, são recordados para justificar o elevado merecimento dos mártires e a sua veneração como triunfantes na Glória Divina:

E se Pindaro disse que o Ceo era morada dos que vivião piamente, & que lá cantávão hymnos, & canticos; onde podem residir as almas dos Sanctos Martyres senão em o Ceo & companhia do Verdadeiro Deos? (...) Muytas cousas deixou Plato escritas per que podemos encarecer a gloria, & tryumpho dos nossos Martyres. Disse que as almas dos Santos recebiã fructos jucundissimos de seu fim bemaventurado, & que livres dos males terrenos como de hum carcere, hião morar na patria celestial (...). E na Republica que fingio disse, que toda a cidade tevesse por bemaventurados os que morressem na guerra, pelejando fortemente por sua patria, & cressem que erão os taes daquella geração de ouro que Hesiodo fingio serem aquelles que antiguamente se chegavão mais à natureza divina, & depois da morte erão participantes da divindade por sua virutde, a que chama Herões.(...) Quanto mais merecem estes titulos & honras os Martyres, que por causa da sancta religião morrerão & sempre forão amigos & fieis servos de Deos?¹¹

Neste período assistimos de um modo geral a uma ‘veneração’ do passado, nos domínios intelectual, artístico, mas também espiritual e religioso. Não podemos no entanto esquecer que esta veneração foi acompanhada de um verdadeiro interesse e entusiasmo pela contemporaneidade. A verdade é que as próprias circunstâncias coevas constituíram terreno fecundo para essa veneração que nos domínios espiritual e religioso se traduziu numa valorização paradigmática da igreja paleo-cristã.

Tal valorização é sem dúvida uma chave de leitura para a compreensão deste importante filão temático da literatura dos séc. XVI e XVII, o ‘cruzamento’ entre heroísmo e santidade ou de outro modo, entre a figura do herói e a figura do santo.

Mas o interesse pela antiguidade não é a única via para a compreensão deste filão.

O ascendente moral sobre o humanismo renascentista e uma generalizada aspiração à perfeição nos vários domínios da acção humana e do saber contribuem neste período para uma interpretação heróica da existência. Nesta interpretação, deparamo-nos com uma concepção de heroísmo indelevelmente marcado por uma dimensão ética de matriz cristã, mesmo na abordagem do heroísmo de figuras do mundo pagão¹². Por este motivo, a figura do herói coincide muitas vezes

9. Neste particular D. Jerónimo Osório desvia-se de uma já longa tradição segundo a qual santidade e nobreza de nascimento andariam associadas. Herdeira da convicção clássica segundo a qual haveria uma relação directa entre nobreza de nascimento e nobreza de carácter, essa tradição desenvolveu-se sobretudo durante a alta Idade Média, com o crescimento da importância social da nobreza familiar e tornou-se lugar comum da hagiografia, ao ponto de o hagiógrafo tender a atribuir ao biografado a origem nobre quando dele se conhece a origem humilde.

10. Já St. Agostinho, no *De Civitate Dei* (X, 21) entendia que os mártires cristãos deviam ser designados por ‘heróis’, pois eram verdadeiramente merecedores desse nome. «Hos [martyres] multo elegantius, si ecclesiastica loquendi consuetudo pateretur, nostros heroes uocemus». Cfr. Saint AUGUSTINE, *The City of God against the pagans*, ed. Bilingue, trad. de David Wiesen, Loeb Classical Library, vol. III, 344.

11. Frei Amador ARRAIS, *Diálogos* (Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida), col. Tesouros da Literatura e da História, Porto, Lello e Irmão, 1974, 448-449.

12. Por exemplo, as filosofias antigas são muitas vezes interpretadas em termos heróicos. A figura idealizada de Sócrates ou sábio estóico informam profundamente a concepção de herói. A interpretação da figura de Eneias é também exemplo da ‘cristianização’ do heroísmo greco-romano.

com o ‘herói cristão’, e algumas vezes com o ‘herói santo’. Sobretudo no séc. XVII, que alguém já designou como o século da obsessão do heroísmo¹³, os conceitos de heroísmo e santidade cruzam-se. Assim, heroísmo significará muitas vezes santidade e santidade significará sempre heroísmo¹⁴.

A nossa literatura, quer de expressão vernácula quer de expressão novilatina, ilustra precisamente este cruzamento. Olhemos para os heróis de epopeias como *Os Lusíadas* de Camões, o *De Gestis Mendi de Saa* de José de Anchieta a *Chauleidos* de Diogo Paiva de Andrade ou o poema *Arcitinge* de Cataldo, são todos eles integralmente ou em parte, por definição, heróis ao serviço da propagação da fé cristã, protagonizando sempre um dos lados em que se divide o mundo, o dos cristãos contra o dos infiéis (sejam estes mouros, gentios ou cismáticos).

Por outro lado, a literatura hagiográfica deste período intensifica a expressão do carácter heróico do santo ou da figura venerável biografada, utilizando muitas vezes um registo ‘épico’ no seu discurso. Compreende-se deste modo o elevado número de poemas épicos hagiográficos escritos sobretudo a partir da segunda metade do séc. XVI e ao longo do séc. XVII. Como exemplos mais notáveis temos o *Vincentius Leuita et Martyr* de André de Resende de que acima falámos, ou o *Ignatiados* de Figueira Durão (1635), cujo herói principal é St. Inácio de Loiola, ou ainda, o *Paciecidos libri duodecim* (1640) do P. Bartolomeu Pereira, que celebra o martírio do Beato Francisco Pacheco em Nagasaki no ano de 1626. Os dois últimos casos, poemas bastante vergilianos, são especialmente elucidativos pois em ambos o poeta convida implicitamente o leitor a associar os seus heróis à figura de Eneias, e as suas missões à missão de Eneias.

No entanto, não é apenas na poesia épica que assistimos à formulação da figura do santo com traços do heroísmo característico da épica antiga. Vejamos a este propósito o exemplo de uma oração em louvor de S. Francisco Xavier. Ao celebrar e ‘promover’ o ‘santo’, o autor, o P. Francisco de Mendoça, jesuíta mestre de retórica, usa os mesmos termos que ouviríamos com naturalidade no louvor dos heróis da antiguidade pagã. Vejamos como começa o seu discurso (citamos a nossa tradução):

Os exemplos dos santos são verdadeiros monumentos que jamais hão-de sofrer o esquecimento das suas palavras, a morte dos seus feitos, o desaparecer da sua memória. Não morre aquele que viveu na virtude, não sucumbe aquele que se eleva pela nobreza das suas obras, não cai nas trevas do esquecimento aquele que resplandece pela luz do seu ensinamento singular. E mais, mesmo a eloquência, que rapidamente se desvanece, se abundar nas flores silvestres dos exemplos, não perece, antes permanece¹⁵.

Como é visível neste excerto, o ‘culto do herói’ invade o texto hagiográfico, sobretudo na valorização de conceitos como os de nobreza e de glória. Estas noções integram um discurso de promoção da figura do jesuíta como ‘herói’ a propor às novas gerações. Além disso, na promoção deste herói *ad imitandum*, o discurso valoriza a *praxis*, a acção humana, ilustrada nos *exempla*

13. Cfr. François-Xavier CUCHE, «De la canonisation...», 203.

14. Um santo é sempre um herói, não só na dimensão moral das suas virtudes mas também na sua acção. Mesmo no ideal de santidade mística de aniquilamento individual diante de Deus, o santo define-se por esse carácter excepcional de superação de um limite ‘negativo’.

15. «Diuorum exempla monumenta quaedam sunt, quae nunquam patiuntur eorum dicta praeterlabi, facta interire, memoriam aboleri. Non moritur, qui honeste uiuit; non decedit, qui egregiis operibus excellit; obliuionis in tenebras non abit, qui singularium clarescit lumine exemplorum. Imo illa, quae ocysime marcescit eloquentia, si incultissimis exemplorum hortulis efflorescat, non perit, sed perennat». Cfr. Francisco MENDOÇA, «ORATIO XIII De D. Francisco Xaverio» in *Viridarium Sacrae et profanae eruditionis*, Lugduni, 1630, 216.

com todo o seu poder e eficácia argumentativa e edificante. O resumo que antecede o discurso, redigido por um discípulo do P. Mendoça, sintetiza isto mesmo¹⁶ (continuamos a citar na nossa tradução):

«Não há nada mais frio, diz Crisóstomo, do que o mestre que filosofa apenas pelas palavras e não pelo exemplo; o que na verdade, é de actor e não de mestre; como soe dizer-se, o actor é pregoeiro de fábulas, não das coisas divinas. O verdadeiro mestre é, pois, aquele que une às leis da doutrina a santidade da vida. (...) Com efeito, o bom discípulo escolheu para louvar apenas três coisas: a severidade de Xavier para consigo, a sua piedade para com os outros, a caridade para com Deus. Quanto a ti, esforça-te por deixar o teu rasto em semelhantes cuidados. Isto escreveu um discípulo do autor»¹⁷.

Aqueles três tópicos do louvor são, como no corpo do texto o afirma o autor, «monumentos que não poderão ser delatados por nenhuma série de anos»¹⁸.

Esses monumentos são, em parte, lugares habituais da hagiografia – a disciplina ascética que S. Francisco se impõe,¹⁹ o seu ardor místico²⁰ e os seus milagres – mas também lugares menos comuns. Por exemplo, S. Francisco é também o herói da resistência física, o herói das viagens, e essa qualidade constitui mais um traço definidor da santidade do missionário:

«Na verdade, isto foi de tal modo elevado em Xavier que ele parecia ter nascido para a salvação de todos os povos. É que, de tal modo era do seu espírito percorrer as mais vastas regiões, atravessar diversos mares, percorrer as terras mais longínquas, chegar às nações bárbaras, atingir os povos mais remotos e instruir os rudes e incultos, suportando todo o género de sofrimentos e perigos, que tal não seria fruto do acaso, mas nele estaria gravado pela natureza, como pensamos»²¹.

Esta insistência no tratamento ‘heróico’ do santo poderia parecer um mero tópico literário. Não o era, na verdade. No seu tempo, aquilo que já designámos como uma interpretação heróica da existência daria azo, por exemplo, à consagração da expressão ‘virtude heróica’ nos processos de canonização depois da reforma consolidada pelo Papa Urbano VIII²².

16. Note-se que este discurso foi publicado numa antologia de textos vários do P. Mendoça, coligida e publicada por colegas e discípulos seus depois da sua morte que ocorreu em Junho de 1626.

17. «Nihil est, inquit Chrisostomus, doctore frigidius, qui uerbis tantum philosophatur, non exemplis; neque enim hoc doctoris est, sed histrionis: fabularum actor dicitur, non diuinarum rerum bucinator. Verus doctor qui uitae sanctimoniam cum doctrinae legibus coniungit. Talis extitit Magnus Heros, in multis quidem uirtutum monumentis; bonus uero auditor tria tantum selegit commendanda; Asperitatem Xaverii in seipsum: Pietatem in homines: Charitatem in Deum. Tu autem nitere, ut paribus figas uestigia curis. Haec Authoris discipulus». Cfr. p 216

18. «monumenta quae nulla possint annorum serie labefactari». Cfr. p 216.

19. «praeterequam in se zonis cilicinis, crudis locis, hamatis flagellis exercuerit lanienam» (p. 216).

20. «Erat intra pectus incendium diuinitus illapsum, quod cum illis angustiis contineri non posset, erumpebat, & in omnes partes latissime fundebatur» (p 217).

21. «Enimvero haec summa fuit in Xaeruo, ita ut ad omnium gentium salutem natum fuisse uideatur. Quippe cui adeo cordi fuit uastissimas regiones peragraré, diuersa maria traicere, disiunctissimas terras perlustrare, barbaras nationes adire, remotissimas gentes penetrare, rudes & incultos populos instituere, infinita prope laborum genera, & periculu exantlare, ut hoc ei non casu euenisse, sed a natura insitum fuisse existimemus» (p. 217). Note-se a tradução literal da consecutiva – «que pensamos que tal não seria fruto do acaso, mas nele teria sido gravado pela natureza» – que traduzimos mais livremente.

22. Na verdade, até 1602, nos processos de canonização a imagem do santo era a de uma evidente *excellentia uirtutum* mas o pedido de canonização de Teresa de Ávila dirigido naquele ano ao Papa Clemente VIII introduz o conceito de ‘virtude heróica’ como medida daquela excelência. Os novos procedimentos processuais da reforma consolidada por Urbano VIII já consagram a expressão. A este propósito veja-se: Romeo DE MAIO, «L’ideale eroico nei processi di canizzazione della controriforma», in *Riforme e miti nella chiesa del Cinquecento*, Napoli, 1973, 257-278.

Estava profundamente arreigado na realidade coeva europeia este cruzamento entre o herói e o santo. O tradicional prestígio espiritual do martírio e as circunstâncias históricas que ofereciam aos cristãos a perspectiva real de morrer pela fé²³, favoreceram, com toda a certeza, este cruzamento e uma interpretação heróica da santidade.

A Europa, dilacerada pelas lutas religiosas de que cada confissão herdou os seus mártires, dividida em parte pelo desacordo na veneração dos santos profundamente enraizada na tradição cristã mais antiga, assistia ao martírio entre cristãos e ao nascimento de novos heróis. Com efeito, a par da controvérsia religiosa, cada facção divulgou à sociedade literatura sobre os seus mártires-heróis (cartas, relatos de prisão e de martírio, reflexões etc...) tornando-se deste modo, o heroísmo do martírio e a hagiografia fortes aliados da apologetica nas lutas entre as várias confissões religiosas²⁴.

Por outro lado, em Portugal, que centrava as suas atenções, não tanto na Europa dividida pelas guerras, mas na expansão das suas relações a Ocidente e a Oriente, vivia-se de igual modo um ambiente favorável ao protagonismo de conceitos como heroísmo e santidade intimamente relacionados com o martírio. A saga dos descobrimentos e sobretudo da missão vinha oferecer aos cristãos novas oportunidades de heroísmo.

Envolvidas nas relações com povos até então ignorados, várias ordens religiosas se empenhavam na sua evangelização. Nos contactos nem sempre fáceis com diferentes culturas, muitos missionários que ora morriam nas viagens sem regresso que encetavam, ora às mãos dos indígenas, ora dos corsários protestantes na disputa de domínios territoriais nas colónias, ou ainda às mãos de autoridades locais, eram considerados mártires e verdadeiros heróis²⁵.

Sobretudo no Japão do séc. XVII a perseguição e o martírio tornaram-se de tal modo conatuais à missão evangelizadora dos missionários, europeus ou indígenas que estes homens se sentiam repetir os *gesta martyrum*²⁶. Do ponto de vista religioso tratava-se de revisitar, participando da sua realidade, o tempo 'fundador' e mítico dos primeiros séculos identificados por excelência com a missão e o martírio, esse tempo envolvido por uma profunda veneração e que de algum modo é assim reatualizado²⁷.

23. Desde as perseguições dos primeiros séculos que não havia tantas oportunidades de enfrentar o martírio.

24. A este propósito veja-se um interessante estudo sobre o martírio entre as várias confissões cristãs no início da modernidade europeia: Brad S. GREGORY, *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England 1999.

Demonstrando que um estudo profundo do martírio na Europa moderna exige uma análise trans-confessional, B. Gregory dedica a cada uma das três tradições martirológicas (protestante, anabaptista e católica romana) capítulos separados de uma história que deve ser considerada de forma global.

25. Documenta-o a classificação de 'mártir da caridade', atribuída aos que morriam por contrair a doença dos que estavam, feridos por alguma peste. Jorge CARDOSO, no *Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, Lisboa, 1652, no prefácio ao vol. I justifica a inclusão de «alguns religiosos, que movidos de caridade ministrando os sacramentos aos feridos da peste ou curandoos, morreram nesta sã empresa, a cujos semelhantes a Igreja Católica em lata significação dá título de mártires». E justifica-a evocando um antigo exemplo «Assi o faz o martyrologio romano a 28 de Fevereiro a certos presbyteros, diaconos e seculares de Alexandria, os quaes numa cruel peste q naquella cidade ouue an. 255 mouidos de Caridade acudirão com grande cuidado (como quem sacrificava a vida por Cristo) os sacerdotes, & diaconos a Sacramentar os enfermos & consolalos, & os seculares com outros de Menores Ordens, a curalos, a servilos e enterralos, offerendose huns e outros voluntariamente á morte». Cfr. p 50. Esta 'categoria' de santos merece na Companhia de Jesus um catálogo próprio: vd. P. ALLEGAMBE, *Heroes et victimae charitatis Soc. Iesu seu Catalogus eorum qui e Societate Iesu charitati animum deuouerunt ad id expositi et immortui peste infectorum obsequio ex charitate obedientiaque suscepto...*, Romae, 1658.

26. Sobre a correlação entre a perseguição e a missão veja-se p. ex. Jacques DUPONT, «La persécution comme situation missionnaire», *Die Kirche des Anfangs* (Festsch. H. Shürmann R. SCNACKENBOURG et alii.ed), Leipzig, 1977, 97-114.

27. Na expressão de R. GRÉGOIRE, *Manuale di Agiologia. Introduzione alla Letteratura Agiografica*, II edizione riveduta e ampliata, Fabriano, 1996, 244: «È la voce della nostalgia, come se il martirio fosse il terreno obbligatorio per la cres-

Nos missionários e nos mártires do Japão, da China, do Brasil, do Canadá, os europeus reconheciam os heróis do cristianismo nascente nas missões, e identificavam-nos com os da igreja primitiva.

Heróis recentes que a história proporciona à hagiografia, estes santos, beatos, mártires, figuras veneráveis, são os novos modelos que as ordens missionárias, particularmente a Companhia de Jesus, propõem aos seus membros como ideal a prosseguir. Fascinados pelos relatos e pelas cartas que chegavam das missões e por uma piedade que prestigiava o martírio, muitos decidiam partir, quantas vezes sem regresso.

E não só os mártires mais recentes, mas também antigas figuras da hagiografia, (ascetas, bispos ou mártires) vêm aumentar nos países católicos a sua popularidade e são propostas como modelos de ortodoxia, de santidade, de heroísmo.

No dealbar da Europa moderna, no momento da sua divisão religiosa, em que se multiplicam as discussões teológicas, doutrinárias e disciplinares, no momento da sua abertura à mundialização, no confronto de culturas tão diversas, a figura do santo com o seu *exemplum*, o seu perfil modelar moral e doutrinário, no heroísmo da sua ascese espiritual, ou do seu martírio; no heroísmo do seu vigor missionário, ou da sua acção reformadora, constitui, para além do estandarte da ortodoxia, a face visível da confiança do homem nas suas forças ancoradas num horizonte transcendente.

cita del cristianesimo». Curiosamente, esta mesma identificação com os primeiros mártires cristãos é muito mais frequente na literatura católica que na protestante. Cfr. B. GREGORY, *Salvation at stake*, 281.